Memória dos cinemas do subúrbio carioca

Alex Viany

Nasci em Cascadura, no Rio de Janeiro, em 1918. Só saí de lá em 1942, quando casei.

Comecei a ir ao cinema com minha mãe, Elisabeta Viviani Fialho. Ela tocava piano nos cinemas, na década de 20, substituindo seu professor. Meu pai a chamava de *Rapariga Misteriosa*, nome de um seriado muito popular naquela época. Eles devem ter namorado vendo esse filme.

Ela era professora primária e chegou a ser diretora de escola. Todo mês ia receber o pagamento no Centro da cidade e eu a acompanhava. A Prefeitura ficava num prédio que foi derrubado quando a Avenida Presidente Vargas foi aberta. Então nós íamos ao cinema no Centro. Eu me lembro do Pathezinho, que ficava na Avenida Rio Branco, perto do *Jornal do Brasil*. Ela também ia a dois cinemas que apresentavam teatro de variedades. Um era o São José, na Praça Tiradentes, que exibia sainetes (pequenos esquetes de teatro) junto com os filmes. O outro era o Eldorado, situado na Avenida Rio Branco, onde hoje está a Caixa Econômica Federal. Nele vi Alfredo Albuquerque — um monologuista muito interessante —, mágicos etc., junto com os filmes.

Em Cascadura, na década de 20, existia o Cinema Mundial, que ficava na Rua Nerval de Gouveia, ao lado da estação do bonde para Jacarepaguá. Ele acabou há muito tempo. Distribuíam cupões nas escolas para os alunos

Arquivo Cinédia

Típico cinema de subúrbio, o Méier foi inaugurado em novembro de 1919 na Rua Amaro Cavalcanti n. 25.

pagarem menos nas sessões. Quase não passava filmes brasileiros. O grande sucesso eram as reportagens de carnaval, pois todo mundo queria ver se tinha sido filmado.

Eu ia ao cinema sempre que podia. Só não ia mais por falta de dinheiro. No começo ia somente nas matinês, que eram às quintas, sábados e domingos. Eu acompanhava fitas em série. O programa era grande, mudava três vezes por semana. Lembro-me de *Tarzan e o Tigre* e *O Cavaleiro das Sombras*, com William Desmond, meu primeiro herói, que depois eu iria conhecer em Hollywood fazendo figuração.

Eu freqüentava todos os cinemas do subúrbio carioca. Em Madureira tinha três cinemas: Beija-Flor, Madureira e Alpha. O Alpha veio um pouco depois, ficava do lado direito de quem vinha da Central do Brasil. Em Vaz Lobo tinha o Cine Vaz Lobo. Em Irajá tinha o Cinema Irajá. Ainda peguei bonde puxado a burro, para ir de Madureira a Irajá. Em Piedade tinha o Piedade e o Jovial; no Engenho de Dentro tinha o Cinema Engenho de Dentro; no Engenho Novo existia o Cinema Edson. No Méier estavam localizados três cinemas: o Méier, o Mascote e o Para Todos. Muito tempo depois vieram o Art-Palácio, Imperator etc. Em Jacarepaguá existia um cinema chamado Ipiranga, na Praça Seca, muito antes do Regência.

Eu ia a todos esses cinemas quando tinha dinheiro; quando não tinha, pulava o muro ou passava a cantada no gerente.

Espaços do Sonho

Em 1929 o Central passou a funcionar com o nome de Eldorado, até ser fechado em meados dos anos 50.